

O Progresso Catholico

.... sequor autem, si quo modo
comprehendam....

AD PHILIP. 3, 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

.... ad ea quae sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad brachium
triumphi Ecclesiae... in Christo Jesu..

AD PHILIP. 13, 14.

SUMMARY: — SECÇÃO DOCTRINAL: *A Milicia Christi* (XX) A oração para a mente humana, pelo rev.^{mo} sr. dr. José Rodrigues Cosgaya; *Preceitos e conselhos* (III), pelo rev.^{mo} sr. Padre João Vieira Neves Castro da Cruz. — SECÇÃO CRITICA: *A prosperidade, a decadência e o sofrimento das povos* (II), pelo ex.^{mo} sr. Plácido do Vasconcellos Maya; *Sociedade!* pelo ex.^{mo} sr. Dom Antonio d'Almeida. — SECÇÃO THEOLOGICO-MORAL: *Sobre declarações do sentido de um rescripto*; *Restituição «in integrum» e direito de padroado*. — SECÇÃO LITTERARIA: *Ao liberalismo*, pelo ex.^{mo} sr. Alves d'Almeida; — *Prophético*, pelo ex.^{mo} sr. Alves d'Almeida; — *Sciencia moderna* (diálogo) — SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA: pela redacção. — SECÇÃO ILLUSTRADA: *Rapto das donzellas de Silo*; — *Parabola do sementeiro*, pela redacção. — RETROSPECTO: pela redacção.

GRAVURAS: *Rapto das donzellas de Silo*; — *Parabola do sementeiro*.



RAPTO DAS DONZELLAS DE SILO

SECÇÃO DOUTRINAL

A Milicia Christã

XX

A ORAÇÃO PARA A MENTE HUMANA

A NOSSA mente pobre, anhelosa vae aqui e além, buscando a verdade, que é o seu pão, o ar, que aspira, o sol, que a alumia, o perfume, que a consola, o solo onde se sustenta e o leito onde descansa.

Mas a verdade é o ser das cousas, a essencia d'ellãs, e esta essencia é tão subtil, que, se a mente não concentra as forças da sua actividade prescrutadora, não a prende, escapa-lhe, não assimila, como leviana borboleta corre de flor em flor sem assumir a essencia d'alguuma d'ellas e levada sómente pelo esplendor das côres, vae anciosa e precipita-se sobre a luz da lampada ardente e queima as azas, ficando cega e moribunda.

A fabril abelha não faz assim; mas lança-se prudente e reflexiva sobre as flores aromaticas, introduz a sua tromba no calix d'aquellas, e, extrahindo-lhes a sua substancial essencia, vae collocando aquelles elementos balsamicos sobre as suas azas e entre a pelugem das patinhas, e, quando já bem provida, lança-se ao ar e movendo a custo as suas lindas azas voa ao seu cortiço, para depositar ali as ricas e variadissimas essencias, com que depois, recolhida, hade fabricar o precioso favo e o doce mel.

Eis ali qual deveria tambem ser o proceder da mente humana; não o da leviana borboleta, mas sim o da fabril abelha; ir recolhendo verdades na sua essencia, com as quaes possa fabricar o mel das suas eternas delicias, preenchendo assim o fim dos seus mais intimos, mais profundos anhelos, como a industriosa abelha se prepara na florida primavera, no caloroso estio e no sazoadado outomno, para não morrer á fome, ou de frio, nos dias chuvosos ou nas longas, regeladas noites do frio inverno.

Mas não o conseguirá jámais, se não ora, se não se concentra ao pé do altar no templo, no silencio do seu cubiculo, no interior do claustro, ou na solidão dos bosques, na presença de Deus, que é a luz eterna da verdade, e ao pé da cruz, que é a arvore da vida.

Sem isso, como a doida borboleta, verá muitas flôres, divertida na variedade dos seus matizes, e correrá d'uma a outra em vertiginoso redemoinhar; mas não recolhe as preciosissimas essencias, com que haveria de fabricar o mel da sua paz e das suas deliciosas:

e é muito de temer, que, se temeraria e irreflectidamente se lança sem respeito a examinar com as suas fracas pupilas a intensa luz da lampada sobrenatural da fé christã, fique cega e transtornada por fôrma, que depois nem saiba gosar a placidez dos graciosissimos encantos da natureza.

O homem para completar-se no racional precisa orar, concentrando assim a sua actividade com o firme intuito de descobrir seu fim e o procurar sem descanço.

E' o coração uma imperiosa necessidade para o entendimento humano, porque este parvosinho precisa da direcção do divino Mestre, para saber ler no grande livro da natureza; como as criancinhas precisam de preceptor para lerem na cartilha: e se estas para tal conseguirem hão de pedir e ainda por cima remunerar ao mestre, tambem aquelle ha de pedir obediencia ao divino Mestre, se quer descobrir os formosissimos horizontes da divina sciencia. Nem me digam que ha muitos sabios e preciosos livros, em cuja convivencia se pode conhecer bem a doutrina revelada sem precisar de orações; porque no sobrenatural sómente ha um mestre, Deus, com quem ha que tratar, se se deseja vislumbra essa sua sciencia sobrenatural, como divina, e este trato com Deus está reservado aos que oram.

Os outros poderão no trato com os sabios e estudando preciosos livros, que os temos, conhecer a letra, que muitas vezes mata, mas não o espirito, que sempre vivifica, porque este onde quer inspira.

Por isso o divino Mestre, que como ninguem desejava a nossa mais sublime illustração, nos não deixou nenhuma cartilha maternal para aprender a lêr; mas deixou-nos a oração dominical para que soubessemos orar.

Santo Thomaz, Santa Thereza, S. João da Cruz, S. Paschoal Bailão e o eximio Suarez mais aprenderam orando, que estudando. Mas a oração pede o sacrificio da abstracção de todo este mundo sensivel que nos arrasta após de si.

Pede a concentração das forças intellectuaes que tão espalhadas correm nas diversas atenções da vida temporal e isto custa. Ah! está a lucta.

Dr. JOSÉ RODRIGUES COSGAYA.

Preceitos e conselhos

III

AO que tenho dito ácerca de preceitos e conselhos, dous pontos principaes em que se dividem as maxi-

mas do Evangelho e da Egreja, acrescentarei mais algumas considerações, a fim de elucidar bem este assumpto.

Por falta de distincção teem errado alguns theologos, confundindo uma e outra cousa, ou com excessivo rigor fazendo dos conselhos, preceitos, impondo assim aos fieis um jugo intoleravel.

Como diz Santo Affonso de Liguori em varios logares da sua theologia moral, não é o rigorismo menos perigoso e damnosos que o laxismo no ensino da moral christã. E' por isso que elle sabiamente se desviou d'um e d'outro escolho.

Todos reconhecem que este Santo Doutor foi destinado por Deus para dar uma nova orientação á theologia moral. Nova quero dizer no sentido contrario ao rigorismo então enthronizado em muitas escholas. Porquanto a theologia não é nova, e S. Liguori nada ensinou que fosse novo.

E' certo que Santo Affonso em geral segue quasi sempre as opiniões mais benignas, aquellas que certa eschola accusava de falsas, erroneas e absurdas.

Já dizia S. Boaventura no seu *Compendio de Theologia*:

«Deve-se evitar a consciencia muito larga e muito apertada; porque a primeira gera a presumpção, a segunda causa a desesperação.»

S. Liguori tomou por pharol esta sentença do Doutor Seraphico.

S. Boaventura, effectivamente, é um perfeito modelo n'este genero: distinguu-se pela doçura do seu character e das suas maneiras, por uma piedade terna que penetra mais o coração do que o espirito. A uma solidez de doutrina juntava sentimentos moderados que sempre preferia á rigidez de principios.

Imitou-o Santo Affonso. E elle obra-va mais com o espirito de mansidão do que com o rigor da disciplina.

Controverte-se, por exemplo, uma qualquer doutrina: será preceito, ou mero conselho? Supponho que o ponto é duvidoso entre os theologos.

Ora os que se inclinam ao rigorismo affirmam que em tal caso se deve considerar como preceito, seguindo o caminho mais seguro; porque aquelle que abraça o mais seguro, não corre perigo.

Mas a isto responde Santo Affonso:

«Se é mau relaxar a observancia das leis divinas, não é menos mau fazer duro aos outros o jugo divino.»

E a razão é porque uma lei duvidosa não é obrigatoria, e querer impô-la aos outros é intoleravel.

Póde-se confirmar estes principios com testemunhos dos mais abalisados

theologos e canonistas que cita e segue Santo Affonso, como pôde vêr-se na sua obra.

Ouçã-se o que diz S. João Chrysostomo:

«Acerca da tua vida sê austero, acerca da alheia sê benigno.»

Ha muitas cousas que é mais seguro praticar, mas também é mais seguro não haver obrigação de as praticar, se não constar realmente de tal obrigação. E' doutrina de S. Liguori que accrescenta: «Geralmente fallando, e quanto o permite a prudencia humana devem seguir-se as opiniões benignas.»

E' bem sabida a doçura do Santo Bispo, a sua caridade, a sua paciencia a toda a prova, o seu conhecimento profundo do coração humano, de suas misérias, de suas enfermidades, de seus recursos. Examinando minuciosamente todas as questões moraes como theologo, estabelece as distincções essenciaes entre os preceitos e conselhos.

Note-se o que diz o P. Francisco Zacharia, da Companhia de Jesus, na sua *Dissertação sobre moral*:

«Nem tudo o que se acha determinado nos concilios (e ainda em outras partes) se deve ter como preceitos, mas como pios conselhos e meras exhortações. E' preciso ter isto muito em vista. Porquanto ao theologo moralista pertence investigar o que se pôde fazer com consciencia segura, e não o que é mais perfeito.»

E depois elle censura alguns theologos que, fundando as suas theologias nos Santos Padres e concilios, aberram do seu instituto. Censura designadamente o celebre Besombes, auctor rigidissimo, que não distinguia preceitos de conselhos, não podendo ninguem conhecer bem o que é licito ou não.

D'aqui a origem de muitos erros. D'aqui o censurar como laxas e absurdas certas doutrinas que realmente o não são.

Em 1852 um certo abbade Laborde de la Lectour, de França, publicou um livro com o titulo—*Censura de 22 proposições de moral corrupta, tiradas d'um auctor dos nossos dias*.

O tal abbade censurava fortemente 22 proposições de Santo Affonso sustentadas pelo Cardeal Gousset, Arcebispo de Reims, um dos Prelados mais dignos por sua sciencia e virtudes, strenuo defensor de S. Liguori.

O eminente Prelado só respondeu o seguinte que se lê n'uma nota da sua *Theologia Moral*:

«Este auctor dos nossos dias que o snr. abbade Laborde não julgou dever nomear, é o Arcebispo actual de Reims. Nós não censuramos nem este ecclesiastico, nem mesmo a *censura* que elle fez das 22 proposições destacadas dos

livros por nós publicados em favor de Santo Affonso de Liguori.

Mas elle nos permitirá pôr-lhe diante dos olhos o decreto de Innocencio XI e a Constituição de Bento XIV (que prohibem *censurar* as opiniões contrarias entre catholicos); recordar-lhe o decreto da Santa Sé que declara *exemptas de toda a censura* as obras de Santo Affonso, e a Bulla da canonisação que proclama solemnemente a sua orthodoxia.

Nós lhe aconselharemos também que leia com mais attenção os livros de que julgou dever *censurar* um certo numero de proposições, e, se as suas occupações lh'o permitirem, que estude um pouco a theologia moral.»

Está muito bem. Aviso aos que facilmente accusam de doutrina erronea qualquer opinião sustentada por auctores catholicos, sem que a Igreja a tenha condemnado, antes livremente permita defendel-a.

Advirto finalmente que o livro de Laborde foi condemnado em Roma a 6 de setembro de 1852, e juntamente outros livros do mesmo auctor.

Creio ter dito o que é bastante acerca de preceitos e conselhos na doutrina christã: o que sempre deve considerar o theologo.

PADRE JOÃO VIEIRA NEVES CASTRO DA CRUZ.

SECÇÃO CRITICA

A prosperidade, a decadencia e o soffrimento dos povos

II

DISSEMOS no artigo anterior que os povos d'occidente da Europa estão concordes em denominar os povos modelos da actualidade pelas phrases: *povos livres e prosperos*. E' esta expressão a mais propria, segundo a auctorisadissima opinião de Mr. Le Play, para encaminhar na direcção da verdade o leitor que se ache dominado pelas ideias que invadiram o Occidente; ainda que o abuso que actualmente se faz da palavra *liberdade*, e os perigos que esse abuso provoca, faça comprehender a quem nos lêr, se algum tivermos, que poderíamos designar com mais exactidão estes povos pela unica phrase *povos prosperos*. Quando o leitor comprehender os verdadeiros principios da prosperidade, quando comprehender que a *riqueza*, a *cultura intellectual* e o *poder* podem ser, segundo o caso, um symptoma feliz, ou um grave perigo, poderemos ainda referir-nos aos bons exemplos, que caracterizam os *povos modelos*.

Commette-se um abuso quando se consideram algumas formas da liberdade como o principio de certas superioridades das grandes nações do Occidente da Europa. Cae-se ainda em erro mais profundo quando se vê este principio no espirito de *novidade*, que inspira actualmente a maior parte dos seus actos. Ainda porém se erra mais quando, alludindo aos melhores exemplos, se concede aos modernos uma superioridade absoluta sobre os antigos. Os sophistas mais perigosos do nosso tempo são os que pretendem melhorar as condições da sociedade e as suas instituições, sem a menor attenção pelo passado.

Esta opinião singular, desmentida sem cessar pela experiencia, é uma causa d'admiração para os diversos povos, como os inglezes, por exemplo, que tendo sido muitas vezes mais prosperos que as outras nações e denominadamente do que a franceza, os desbancou, ha dois seculos, nas formas da liberdade.

Na opinião dos inglezes, as fontes da liberdade e a causa primaria do ascendente dos europeus encontra-se nos costumes, quando estes são, por assim dizer, a pratica da lei moral.

No seu discreto entender, estes costumes, melhorados pela lei escripta, segundo as necessidades do tempo, são a melhor regra para as nações civilisadas. Os homens d'Estado, que tem realizado no nosso tempo, entre aquellos povos, as principaes reformas sociais, affirmam em todas as occasiões o seu respeito pelas tradições nacionaes; chegando algumas vezes a exagerar o seu pensamento para melhor o inculcar no espirito do povo, declarando que, n'esta ordem de factos como na ordem moral, os principios antigos são os melhores e na proporção da sua antiguidade.

Com effeito, as nações modernas estão actualmente em presença do mesmo problema que já foi resolvido pelas grandes nações da antiguidade: e, como estas o fizeram, devem ellas resolvê-lo, fundando na virtude a harmonia de todas as classes. Os mesmos principios continuam a ser applicados ás mesmas necessidades: os processos é que variam conforme os tempos; não se notando outro contraste essencial, além d'uma prohibição absoluta ou uma certa tolerancia do mal.

Quando os modernos querem frizar bem os contrastes do antigo regimen com o actual, querendo inculcar que os povos antigos viviam quasi escravizados, enquanto que debaixo do actual regimen são livres; esse juizo não é essencialmente verdadeiro, não sendo a sua respectiva situação a que estas palavras indicam. O contraste, se exis-

te, é nos meios escolhidos nas diversas epochas para assegurar o reinado do bem. Entre os antigos, muitas vezes censurados pelos modernos liberaes, os governos impunham aos individuos, mesmo na vida privada, a observancia da lei moral. E' assim, por exemplo, que os officiaes publicos eram muitas vezes encarregados d'obrigarem os particulares a praticarem o culto official, como ainda hoje acontece no imperio russo. Os modernos governos, é certo, deixam á consciencia de cada um a escolha entre o bem e o mal. Este systema parece-nos preferivel ao antigo, salvo sempre a moral publica, evitando-se em todo o caso o escandalo.

PLACIDO DE VASCONCELLOS MATA.

Sociedade!

DISSE Lacordaire: «Fôra do christianismo não ha sociedade possível, ou apenas uma sociedade com alentos entre o despotismo de um só ou o despotismo de todos.»

A sociedade sem christianismo é uma sociedade debaixo da dominação de todas as ruins paixões e do despotismo mais cruel como, p. ex., o Dahomé, que a França subjugou ha pouco e assim não se repetirão aquelles morticínios para glorificação de um despotismo o mais brutal.

A sociedade tem por auctor Deus, e as leis sociaes que não tem sua base em Deus são resoluções da vontade humana, são mais ou menos despoticas, e assim fôra do christianismo.

Embora tanto se falle hoje, n'estes tempos, de liberdades, é certo que na sociedade presente ha sim uma despotica liberdade, porém não a verdadeira liberdade, por isso que esta não pode existir sem o respeito ao principio de auctoridade e este principio por todos os modos e em todas as suas significações é despresado, é atacado como um inimigo pelos das taes liberdades.

Do eterno principio de auctoridade se deriva a liberdade; logo esta tem de se conformar com o principio do qual é derivada; e sempre que assim não é dá-se despotismo, que de um ou de todos torna impossivel a sociedade por lhe faltar o christianismo.

A maçonaria-revolução propoz-se e propõe-se a destruir o christianismo, dando-lhe por substituição as liberdades modernas que têm feito e continuam aggravando a horrorosa decadencia da sociedade. O tecido diabolico da rede, para conseguir o euredamento de almas, mais apurado e traço-cieiro que tem feito Satanaz, consiste

nas liberdades modernas; d'estas o procurador mais assiduo e mais a contento do diabo é a má imprensa, seja pelo livro, seja pela revista, seja pelo jornal, seja pela folha solta, seja pelo pasquim, seja porque modo fôr gemendo os prelos e movida a machina pela força motrix do inferno.

Uns certos homens, e ás vezes uns certos moços ou jovens sem barbas na cara, todos elles falhos na obediencia, no respeito aos Principios Eternos, entenderam e entendem que o mundo é seu e assim sua a sociedade, contando com a impunidade por parte dos homens responsaveis; qual o resultado de tão peccaminosos e criminosos atrevimentos tem sua photographia no estado miserrimo e de morte em que se acha a sociedade, dominada por factos e influencia da maçonaria-revolução; nada de respeitos humanos, diga-se a verdade tal qual. A lucta é de principios, como que desaparecem os homens, que só como que reaparecem vencedores ou vencidos, sendo invencivel a sentença, que cobre os propugnadores pela justiça: *Si Deus pro nobis, quis contra nós?* Se Deus connosco, não seremos vencidos! e Deus está sempre com os que o servem, e não entra n'este numero a gente da moda que escandalosamente timbra em ser indifferentista na matéria de religião; ha os que não timbram por tal indifferentismo e são-no, e tambem os ha de todo desalmados.

A sociedade na Europa está deschristianizada; na America, e não menos na parte principal d'ella os Estados-Unidos-Norte-Americanos, o christianismo, o reinado de Jesus Christo é aclamado não só por milhões de pessoas como oficialmente pelas auctoridades temporaes de todo o genero e especie, e existe uma legislação conforme; com o impulso christão virá do outro hemispherio a America dar severa lição á sociedade da Europa deschristianizada?

Da America têm vindo n'estes tempos grandes lições á Europa em matéria de religião no que diz respeito ao estado social; Garcia Moreno, presidente que foi da Republica do Equador, não é a unica estação a fazer: ha muitas, muitas e muitas outras a citar *ejusdem generis et variarum speciarum* — do mesmo genero e de varias especies.

A Europa carece absolutamente despir-se ou ser despida da investidura diabolica com que a maçonaria-revolução envergou a sociedade.

O dilemma está em pé e inabalavel: conversão aos principios eternos ou destruição completa não longe, pois que é impossivel de continuação longa uma sociedade como a actual, que se acha de cabeça para baixo e pés para cima,

pois que lhe falta o christianismo pela sua apostasia, o que a torna despotica em suas exigencias e verificando-se o que disse Lacordaire e nós pozemos *in capite* d'este trabalho, humilde serviço á causa da religião e da sociedade, por divino favor!

Tristes os desenganados quando seu desengano já não tiver remedio; então e depois as lagrimas não poderão ser enchugadas porque eternas!

A econom a divina não muda!

DOM ANTONIO D'ALMEIDA.

SECÇÃO THEOLOGICO-MORAL

Actos da Santa Sé

Sobre declarações do sentido de um rescripto

TENDO sido disputado ao Cabido de Calahorra, ha annos, pelos Frades Menores Observantes, o direito de fazer exequias na igreja de Santa Rosalia, propria d'estes, propoz-se a questão á Sag. Cong. dos Bispos e Regulares, a qual, em resolução de 28 de março e 5 de setembro de 1879, declarou que o Cabido usava d'um direito que lhe correspondia.

Não obstante, os ditos religiosos ainda quizeram limitar o uso do direito, porque entenderam que o Rescripto da Sag. Cong. se referia á faculdade d'entrar o Cabido com a cruz alçada na mencionada igreja e celebrar n'ella sómente as exequias pelos defunctos que tivessem ali sepulcro gentilico, ou a houvessem escolhido para logar da sua sepultura, e de modo algum se estendia a todos os defunctos.

Discutida a questão por ambas as partes propoz-se a seguinte proposta: «Se o direito que a Sag. Cong. concede ao Cabido de celebrar as exequias pelos defunctos na igreja de Santa Rosalia se estende a todos os cadaveres, ou se se limita aos que a hajam designado como logar da sua sepultura e aos que tenham ali sepulcro de familia.» A Sag. Cong., em resolução de 7 de março de 1884, dignou-se responder: *Affirmativamente á primeira parte e negativamente á segunda.*

DEDUÇÃO

Todos os cadaveres pelos quaes o Cabido de Calahorra deve celebrar exequias, podem ser levados á igreja de Santa Rosalia, sem ter nada que ver com isso os Frades Observantes, em razão de costume immemorial, o qual tem valor ainda para derogar as isempções.

Restituição *in integrum* e direito de padroado

N'uma egreja parochial de Santa Luzia da diocese de Castellamare, está fundado um beneficio com cura d'almas, cujo direito de padroado pertence á antiquissima e nobilissima familia A.

Além do dito beneficio, ha n'aquella egreja outros beneficios simples, fundados nos altares dos Santos Cosme e Damião, Santa Barbara e Santissima Trindade, em cujo direito de padroado tinham parte varias familias, como a mencionada A.

Depois da espoliação dos bens ecclesiasticos, feita pelo governo, tres individuos da dita familia recorreram ao tribunal civil, sollicitando que declarasse a quem e em quantas partes correspondia o direito aos ditos beneficios padroados, com o fim de depois procederem á reivindicação dos bens. Em 21 de junho de 1871 lavrou-se a sentença da sollicitada declaração, cuja sentença foi depois accéita em virtude de documento particular, por mais dois individuos da mencionada familia. Logo pediram os padroeiros a parte dos bens que lhes correspondiam, ficando apenas livre de tal repartição o beneficio de Santa Luzia.

Tendo ficado vaga em dezembro de 1878, o padroeiro descendente da familia A. por linha masculina apresentou n'ella um tal Agnello Vanacere. Por outra parte e ao mesmo tempo, outros tres individuos da mesma familia, julgando-se com direito a apresentar-se como descendentes por linha feminina, apresentaram para o mesmo fim um tal Vicente Vinaccia. A esta apresentação oppozeram-se os da linha masculina, assegurando que o beneficio de Santa Luzia era agnaticio e não cognaticio.

A questão ventilou-se primeiro na curia de Castellamare, a qual sentenciou em 1881 a favor dos pretendentes da linha dos agnados, cuja sentença foi confirmada pelo Tribunal Metropolitano de Sorrento, em grau d'appellação interposta devidamente pelos contrarios.

Da segunda sentença appellaram estes para a Sag. Cong. do Conc., pedindo nova revisão da causa, ou seja o beneficio da restituição *in integrum*, porque, tendo havido já duas sentenças conformes, causava isto executoria, e por consequencia não cabia appellação senão pela via de restituição *in integrum*.

Na Sag. Cong. defendeu amplamente o seu direito a parte que pretendia a declaração de masculinidade; porém a parte contraria deixou á revelia o recurso.

Duas perguntas se propuzeram: 1.^a Se constava ser procedente o beneficio

de restituição *in integrum*. E, em caso affirmativo, 2.^a Se devia confirmar-se ou revogar-se a sentença do Tribunal Metropolitano de Sorrento.

Em 5 d'abril de 1885 dignou-se responder a Sag. Cong.: A' 1.^a *Negativamente*. A' 2.^a *Prevista na primeira*.

DEDUÇÕES

1.^a Não tem logar o beneficio de restituição *in integrum* senão quando o recorrente demonstra patentemente a injustiça da sentença, o que se póde fazer, ou demonstrando que a sentença se fundou em documentos falsos, ou apresentando alguns novos e decisivos anteriormente não adduzidos, ou provando que se infringiu ou se fez caso omisso d'alguma lei.

2.^a No caso actual nenhuma de taes coisas se demonstrou, e declarou-se justa a sentença.

SECÇÃO LITTERARIA

Ao liberalismo

Aonde avulta a verdade
Da supposta liberdade
Que nos préga o lib'ralismo?
E' na nudez de Voltaire,
Na descrença de Suner
Ou do mal do progressismo?...

Ao ler as simples perguntas
Que para ahí ficam junctas,
Muitos dirão: «Que razão!
•Pois não vê na gargalhada
•Da anarchista lib'ralada
•Uma grande roinação?

•Pois não vê nas palhaçadas
•De eleições sem re compradas
•A transformação d'um povo?
•Pois não vê que o que se quer
•Que é corromper a mulher
•Por achar... um mundo novo?

•Pois não vê que este não pros'a,
•Porque os sorrisos lhe empesta
•A prisca Libertação?
•Pois não vê no paganismo
•Que sorri ao communismo
•A ventura... da nação?...

•Que cegueira, meu poeta!
•Bom se vê que és um pateta
•Que ainda crês na verdade!...
•Pois não sabes que á proscripta,
•Por tantos évos benedicta,
•Se prefere hoje a vontade?...

Mas eu posso responder-lhes
Sem pretender offender-lhes
O seu abrupto negar:
Sei, sei, ministros do escuro,
E tambem sei que o futuro
Vos ha de um dia julgar!

E por sabel-o vos digo
Que o vosso maior amigo
Vos ha de chamar traidores;
E que depois de julgados
Por crimes assás provados,
Vos fará soffrer horrores!...

Pois o que é que quer dizer
Este comprar e vender
Do consciências corruptas?
Quer dizer que o mal caminha
A par da ambição mesquinha
Que é mãe de sangrentas luct.s!

Quer dizer que não vem longe
O dia que affim lizonge
Do communismo a ambição;
Mas que esse dia por certo
Nos hade ralar bem porto
Do dia... da Redempção!...

Senhores: A liberdade
Geme ao pezo da vontade
De meia duzia de athens:
E é sabido que a republica,
Bem que pingue instrução publica,
Não pode existir... sem Deus.

Olhae em torno de vós,
E vereis o riso atroz
Do crime que vaga immuno:
Olhae ainda outra vez,
E vereis o rir suez
Do vicio que ullula impuae.

Não ha livre depravado:
Segundo attesta o passado,
A liberdade abusiva...
Depois de cruentas guerras,
De infamar campos e serras,
Acaba sempre captiva!...

Liberdade illimitada
E' torpeza escancarada
Que só agrada a corruptos:
O peixe, livre no mar,
Morre ao contacto do ar
Em menos de dez minutos.

Mas deixemos bagatellas,
Que repugna fallar d'ellas
Em tempos de lib'ralismo,
Por fallar da liberdade
Que hoje escurraça a verdade
Do campo do socialismo...

Liberdade! Quo illusão!
Para ahí, louca ambição,
Não queiras só para ti!
Liberdade! Que vileza,
Dar-se este nome á torp'za
Que ao communismo sorri!...

A liberdade, senhores,
Não é a mãe dos horrores
Que pelas praças avultam;
Mas a da sancta justiça
Que condemna a vil cubiça
Dos vis que a moral sepultam!

O homem livre á moderna
E' um stulto que se averna
Nos abysmos da descrença:
E' um homem tão alvar
Que não trema ao transformar
A liberdade em licença!

—Sou livre! rugo a maldade
A cuspir ferocidade;
Mas será livre o maldicto?
—Sou livre! Diz a bondade
A sorrir humanidade;
Mas será livre o bemdicto?...

Sangue, sangue! eis-a resposta,
Que é a justa pena imposta
No preciso cezarismo!
Se a vista me não illudo,
Eu já vejo o atavido
Do bacchante lib'ralismo!...

Quando um dia a liberdade,
De accordo com a verdade,
Dictar a lei ás nações...
Então hade o mundo inteiro
A torpezas sobranceiro,
Condemnar as vis paixões!...

ALVES D'ALMEIDA.

Prophético

Que queres tu, anarchismo,
Fazer das sociedades?
Sem Deus nem auctoridades,
Eis-o mundo um torpe abysmo
Repleto... de atrocidades!

E' um rebanho de gado
Vagabundo... sem pastor,
Porque lhe falta o labor
A' familia consagrado,
D'onde brota o sancto amor!

Capital, propriedade,
Eis-o que mais te incommoda;
Porque a negação é moda
Que já vem da antiguidade,
Como da videira a poda...

O teu scopo principal
Não é pois matar a crença,
E' dinheirama e licença
Para a vida bacchanal
Que te alimenta a descrença!

Mas sabo, ó louca ambição,
Que o teu dia desejado
Jámais será computado
Na perpetua rotação
D'este orbe que tens alçado!

Agora o que eu não duvido
E' que uma tremenda guerra
Não venha a assolar a terra,
Ficando por fim vencido
Aquel que hoje em tudo aberra!

Uma guerra tão medonha
Que a final só ficarão...
De nove uns tr's por nação!
Vergonha sobre vergonha,
Eis-as grandezas de então!...

E d'entro os restos clamantes
Dos povos já extenuados,
Surtrão braços armados
Tão feros como pujantes,
Que implantarão seus reinados!

De ferro serão seus sceptros...
Anto o brutal vandalismo
Do já sepulto anarchismo!
E ao vél-os sombrios, tetros,
Torna e trema o proprio abysmo!...

ALVES D'ALMEIDA.

Sciencia moderna

(DIALOGO)

—Parae, infeliz! retrocede! Não vêdes o abysmo aos pés? Não temeis a justiça de Deus!?

—Ora! Deus é demasiado bom para me condemnar.

—Assim é, pois que Deus não quer a morte do peccador, mas sim que se converta e viva. Mas attendei, infeliz! Não é Deus que vos condemna, senão vós que vos condemnais a vós mesmo. Deus não é a causa do inferno, nem tampouco a do peccado que dá origem ao inferno.

—Então para que permite Deus o peccado?

—Porque havendo-vos concedido o maior de todos os dons, a *intelligencia*, que vos assimilha a Elle mesmo, e havendo-vos preparado uma felicidade eterna, não convinha tractar-vos como a um bruto que carece de intelligencia, e cujo destino é a terra. Não convinha que fósseis forçado a receber os dons de Deus, era necessario que empregasseis a vossa intelligencia em aceitar e adquirir por vós mesmo o thesouro de uma eternidade de bemaventurança. E eis a razão por que Deus nos concedeu com a intelligencia a liberdade moral, isto é, a faculdade de escolher, segundo nos apraz, o bem ou o mal; de seguir ou não seguir a voz de um Pae tão bom, que nos chama para Elle.

Esta liberdade é a maior distincção de honra e de humor que podemos receber de Deus. Ora se abusamos d'ella, como vós o fazeis, vossa é a culpa e não de Deus.

—Continuae, por favor vos peço... as vossas palavras, novas para mim, causam-me uma impressão desconhecida tambem.

—E' uma boa disposição da vossa

alma: aproveitae-a; vou raciocinar um pouco convosco por meio de comparações e exemplos que melhor vos farão comprehender aquillo que necessitaeis aprender.

Dizei-me pois: se eu vos der uma arma para defenderdes a vossa vida, não será isto uma prova de amizade da minha parte para convosco?

—Sem duvida.

—Mas se contra a minha vontade, apesar das advertencias, e das instrucções que vos dei para fazerdes bom uso da arma, a voltardes contra vós mesmo, serei eu por ventura a causa das vossas feridas?

—Tendes razão, a mim só se devem imputar.

—Justamente. Pois assim obra Deus connosco. Dá-nos liberdade de fazer o bem e o mal, mas omitta para que escolhemos o bem. Instrucções, advertencias, convites carinhosos, ameaças terriveis, procura muitos meios; enche-nos de graças, e rodeia-nos de auxilios; não nos *força* porque isto seria destruir a sua mesma obra. Deus respeita em nós os dons com que Elle mesmo nos favorece.

E' pois o reprobado mesmo que se perde, e não Deus que o condemna.

Deus dá a cada um o que cada um *livremente* escolhe, a vida ou a morte; o Paraizo, fructo da virtude, ou o inferno, fructo do peccado.

—E' verdade! E' verdade!

Ouvi agora este caso muito a proposito. Certo dia entrou um viajante no escriptorio das diligencias em Paris, e disse que queria partir para Lille, em Flandres, ao Norte de França. Indicaram-lhe a carruagem que ia partir n'aquella direcção; mas quando o viajante já ia tomar o seu lugar, viu mui perto outra carruagem pintada de novo, que lhe pareceu mais bonita e mais commoda. Mudou logo de idéas e foi tomar lugar n'esta, que fazia o serviço para Marsella, que fica ao Sul da França, isto em direcção opposta áquella que o viajante devia tomar.

O chefe da estação que não o perdia de vista, notando o seu equivoco, se apressou a avisalo-o:

—Que faz, cavalheiro, lhe disse mui cortez, não quer ir para Lille?

—Sim, senhor.

—Então enganou-se na caruagem; essa em que está vai sair para Marsella.

—Mas por fim de contas sempre hei de chegar a Lille, não é verdade?

—Como a Lille? Chegará a Marsella, se for n'essa carruagem.

—Ora, ora, não o creio, disse o estúpido viajante; esta carruagem é mais bonita e mais commoda, e a Administração é *demasiado boa para levar-me onde eu não queira ir*. Estou bem aqui, e



PARABOLA DO SEMEADOR

d'aqui não saio; e por mais que V. diga e pregue, amanhã à tarde hei de chegar a Lille.

Dado o signal, a carruagem partiu, e o cabeçudo e estúpido viajante teve que aprear-se em Marselha.

Assim procedem sempre aquelles que, não cuidando nunca em viverem bem, esperam na bondade de Deus que chegarão do mesmo modo que os justos ao Paraizo.

—Comprehendo muito bem, e assim é: a verdade tem muita força.

Ha dous caminhos abertos deante de nós n'esta vida: o da virtude e o do vicio. Este é ás vezes mais doce, mais seductor que o primeiro, principalmente no começo; mas um leva ao inferno, onde a doçura se converte em

amargura; e o outro leva ao Paraizo, onde o trabalho se converte em inesfavel descanso.

Para ir para o Céu, é preciso tomar o caminho do Céu; isto é muito simples.

O Padre catholico é o guia caritativo que em nome de Deus ensina a todos este caminho.

Quantos se perdem por não seguirem as suas indicações!

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

O Romance d'um Jesuita, de Beugny d'Hagerne, edição portugueza dos srs. Cruz & C.^a, de Braga, acaba de sair á luz.

Já o lemos, em tempo, no original e achamos o livro realmente interessante. E' um romance com muitos lances emocionantes, que conserva o leitor sempre na expectativa e que o leva a querer ler d'um folego a obra.

Quem fôr affeiçãoado a este genero de leitura, encontrará no *Romance d'um Jesuita* um agradável passatempo. Desnecessario será dizer que, por ser um romance, não é, como em geral os romances, perigoso nas mãos da juventude. N'elle nada ha que possa envenenar a alma candida.

Dizem os editores no prologo:

«Este bello livro, do qual se esgotou rapidamente na França um grande numero de edições, vae apparecer n'um momento bem opportuno.

Ha pouco tempo ainda desencadearam-se em Lisboa contra sacerdotes inermes e que pacifica e despreocupadamente seguiam o seu caminho as fúrias selvagens da população ignorante, pelo irrisório pretexto de roubos de creanças, que lhes attribuiam

Attentou-se contra a propria existencia de alguns ecclesiasticos, entre elles o venerando, sabio e respeitabilissimo Padre Senna Freitas; outros foram apedrejados; e muitos soffreram os enxovalhos do insulto grosseiro.

O grito de guerra da canalla irritada era: *morram os jesuitas!*

E era natural que assim fosse. O *Jesuita* encarna a pureza da fé christã e representa na sua manifestação mais sublime a propria doutrina de Christo, a abnegação, o sacrificio e a humildade—as tres virtudes mais antinomicas com os vicios e as ideias do tempo.

Por isso, a *guerra aos jesuitas* é a synthese do ataque de todos os adversarios da Igreja e da fé christã. Pensam elles que, derruindo o baluarte, a praça terá que capitular.

D'ahi, a propaganda insistente que dura ha tantos annos, e que ultimamente os incredulos de todos os partidos, do mais avançado ao menos conservador, julgaram ter chegado ao estado de maturação para produzir nas massas ignorantes os seus desastrosos effeitos, sob um pretexto ridiculo.

Primeiramente reeditaram-se as velhas e insossas calumnias do pretensio predomínio a que a Companhia de Jesus aspira sobre o governo das nações; depois procurou-se fazer crer que a mocidade por elles educada é um futuro viveiro de hypocritas e até de traidores á patria. Chamam *reacção* ao ensino e á pratica da pura doutrina de Jesus. E finalmente descem até a enlamear os virtuosos filhos de Santo Ignacio, assacando-lhes impureza de costumes e irregularidades de vida.

A insistencia n'estas intrigas vis, apesar de tantas vezes desmascaradas, feitas dia a dia, com singular má fé, nos jornaes mais lidos, junta com a propaganda occulta de habeis agentes entre o povo rude, crendeiro e falho, na maior parte, de qualquer educação, corroido tambem dos vicios da rua e dos bordeis, que abundam em Lisboa:—e por outro lado, o progresso das ideias socialistas, athéas e anarchistas entre o operariado, tudo, deu os desgraçados fructos de reles selvageria, de que a capital foi theatro, já por occasião das festas do centenario antonino, já e principalmente no dia 30 de julho.

Aos dirigentes, na sombra, d'aquellas scenas infames, exploradores de consciencias fracas e de almas rudimentares, não é, nem pode ser, dedicado este

livro: não é escripto para elles; porque a sua obsecção firma-se infelizmente nas leituras deleterias de maus livros e no ensinamento de ainda peiores mestres. Para esses é mister esperar o milagre de um raio da graça divina que os illumine.

Para os cegos e illudidos, mas ainda não perversos, é que este livro vale. Leiam-no todos os que só conhecem o *jesuita* pelas insulsas calumnias de livros escriptos adrede, ou pelas atoardas bombasticas da reportagem do jornal barato.

O *jesuita* é o que este livro ensina: chamado por Deus e para Deus, declina as honras, a fama, um lugar brilhante na sociedade, um casamento cheio de opulencias, e tudo substitue pela pobre cella em retiro ignorado; serve-se do natural talento e conhecimentos adquiridos em estudos brilhantes para pregar a doutrina da paz, incutindo nos seus ouvintes o amor de Deus e do proximo; converte á crença pura os seus proprios inimigos, perdoadando-lhes ao mesmo tempo as offensas que d'elles recebera: sacrifica-se pela patria arrostando os perigos da guerra e salvando em lances difficeis aquelles mesmos que não cessavam de a injuriar; e offerece finalmente o seu sangue e a vida em holocausto á fé e á sua missão sacerdotal.

Repleto de commoventes peripecias e de narrativas interessantes, este livro tem o dom de attrair a attenção desde as primeiras linhas; e excita sobre o modo a curiosidade, lendo-se passo a passo a vida movimentada, fertil em indecisões e em luctas entre os bons e maus princípios do principal protogonista.

Pelo que respeita á traducção, foi essa confiada a uma illustre e distincta senhora, que se desempenhou de um modo que, estamos certos, agradará aos nossos leitores; na parte technica, o esmero corresponde á importancia do livro.

Cremos, por isso, que faremos com a sua publicação um bom serviço aos crentes e aos homens de boa fé: aquelles, porque os revigorará na verdadeira e sã doutrina: e a estes, porque os levará a meditar na missão de amor e sacrificio que é o timbre da gloriosa Companhia;—e será esse o primeiro passo para lhe fazerem a devida justiça.»

SECÇÃO ILLUSTRADA

Rapto das donzellas de Silo

(Vid. pag. 43)

Na assembleia de Maspha, os Israelitas haviam jurado não dar

as suas filhas aos Benjaminitas e tinham tambem feito o juramento de matarem todos aquelles que não marchassem com elles contra o inimigo commum. Como soubessem que nenhum habitante de Jabés-Galaad tinha entrado nas fileiras, quando elles estiveram em Maspha e em Silo, resolveram a destruição d'aquella cidade. Fizeram, pois, marchar contra ella dez mil homens dos mais valentes com ordem de matar todos os habitantes, sem poupar nem mulheres nem crianças. Só deviam reservar as donzellas e trazel-as para o acampamento de Silo. Esta barbara ordem foi executada, e os vencedores voltaram para junto de seus irmãos com quatrocentas donzellas em idade de casar.

Os Benjaminitas, tendo recebido mensagens d'Israel que os convidaram á paz e a voltarem tranquillamente para suas terras, para lá voltaram effectivamente e desposaram as donzellas de Jabés-Galaad. Mas, como eram seiscentas, ficaram duzentos por casar.

Os anciãos disseram ao povo: «Que faremos nós em favor d'aquelles a quem não demos mulheres? Todas as mulheres da tribu de Benjamin foram mortas e nós fizemos o juramento de não lhes dar as nossas filhas em casamento. Está a chegar a festa solemne do Senhor, que se celebra todos os annos em Silo; hão de vir raparigas d'aquella cidade para dançarem, segundo o costume; elles que se escondam nas vinhas e cada um tome a sua quando passarem e leve-a consigo para a terra de Benjamin. Quando os paes e irmãos das que forem raptadas vierem queixar-se-nos d'essa violencia, dir-lhes-hemos: «Compadecei-vos d'elles; não as tomaram como os conquistadores tomam as captivas depois da victoria, mas já vos tinham supplicado que lhes desseis vossas filhas em casamento. A vossa recusa foi que os exasperou, e resolveram alcançar por força o que não tinheis querido conceder-lhes por vontade.»

Este plano, apesar de barbaro, foi posto em execução. No dia da festa de Silo, duzentos Benjaminitas esconderam-se nas vinhas e cada um d'elles raptou uma das donzellas que tinham tomado parte nos festejos e desposou a. A desgraçada tribu de Benjamin, reduzida a seiscentas familias, reedificou as suas cidades e reproduziu-se sensivelmente.

Parabola do sementeiro

(Vid. pag. 49)

Por ser muito conhecida, dispensa descripção a parabola do sementeiro.

RETROSPECTO

A Irmã Collecta

Como se sabe, o Supremo Tribunal reconheceu que a Irmã Collecta tinha, por engano, trocado um remédio por outro, o que originára a morte de Sara de Mattos.

Se, realmente, houve este engano, Deus o sabe. A sciencia é que parece ainda ter duvidas se Sara de Mattos morreu em razão da troca de remédios.

Mas, ainda que houvesse essa troca, isso não depõe nada contra a Irmã Collecta. Quando muito, só pôde provar que, da parte d'ella, não houve o necessario cuidado. Demais, quantos envenenamentos se tem dado, devidos ao engano dos pharmaceuticos? Ainda ha pouco uma creança, no Porto, a quem fôra receitado saes de fructa, ingeriu sal d'azedas, que lhe mandou o pharmaceutico por inadvertencia.

São casos lamentáveis, que estão succedendo todos os dias.

Vem isto a proposito para dizer que, mesmo que o engano se dásse, a Irmã Collecta não era uma criminosa, que merecesse a vindicta da sociedade.

O tribunal condemnou-a, porém, a mais 21 dias de reclusão, além do tempo de prisão já soffrido.

A heroica Irmã acceitou, resignada, a sentença dos homens, e lá esteve na cadeia de Braga a cumprir a sentença.

No meio de tantos desgostos, não lhe faltaram consolações. Diariamente a visitavam as pessoas mais gradas da cidade e todos os dias um sacerdote ia á cadeia dizer-lhe missa e ministrarlhe o Pão dos Anjos, para mais a fortificar.

Quando terminaram os 21 dias de reclusão, os bracaraeses fizeram uma imponente manifestação de sympathia á heroica Irmã Collecta, victima do jacobinismo e da maçonaria. Mais de seis mil pessoas tomaram parte n'esta imponentissima manifestação. Honra á Braga catholica, que assim deu uma bofetada de mestre nas deslambadas faces dos jacobinos!

A's 5 e meia da tarde do dia 24 de fevereiro sahio do Aljube a Irmã Collecta acompanhada da Superiora das Irmãs em Braga e do snr. Carlos da Cunha Pimentel, presidente da commissão administrativa do Asylo de Mendicidade.

Apenas a heroica Irmã Collecta foi avistada no pateo da cadeia, o publico deu muitas palmas, e em todos os rostos se sentiu vivo enthusiasmo, que se manifestou com estrondosos e entusiasticos vivas ás Irmãs Hospitaleiras, ás Congregações religiosas, á Irmã

Collecta, etc. Todos estes vivas continuaram, cada vez com mais enthusiasmo, desde a cadeia até junto á porta do convento do Salvador, onde se acha installado o Asylo de Mendicidade.

O cortejo poz-se immediatamente em marcha. A' frente ia o snr. conego Nunes da Costa, presidente do Asylo de D. Pedro V, e o snr. Carlos da Cunha Pimentel, seguindo-se a Irmã Collecta e a sua Superiora, senhoras da primeira sociedade, clero, cavalheiros de todas as classes, academia do S minario e milhares de pessoas, umas 6:000, como já dissemos. A' frente, porém, d'este grupo seguiam varias corporações, como o Collegio dos Orphãos e Officina de S. José com as suas respectivas bandas, alumnos do curso theologico do Seminario, alumnos do Collegio do Espirito Santo e de Luiz, etc.

Na cerca do Salvador foi lançado ao ar muito fogo. Os sinos dos Terceiros repicaram em signal de regosijo.

Das janellas das casas muitas senhoras cobriam de flores a Irmã Collecta. A pobre martyr, sempre risonha, agrudecia, commovida, as manifestações de que era alvo.

Quando a Irmã Collecta entrou na capella do Salvador, o enthusiasmo attingiu o delirio. Os estudantes de theologia e o povo romperam em vivas extraordinarios.

Na capella houve *Te-Deum*, officiado o rev. conego João Nunes da Costa. No côro cantavam as educandas do Asylo de D. Pedro V.

Terminado o *Te-Deum*, a Irmã Collecta foi, acompanhada de muitas senhoras, para a sala das recepções do Asylo, onde recebeu, commovida, os cumprimentos de muitas pessoas. N'esta sala foram levantados vivas pelo rev. Padre Roberto Maciel ás Irmãs da Caridade e á Irmã Collecta, que foram correspondidos com vivo enthusiasmo.

A Irmã Collecta estava commovidissima.

Como se vê, esta manifestação não podia ser mais imponente.

A' perseguição atroz da maçonaria e do jacobinismo, succedeu a maior apothecose. Após os insultos e as perseguições, vieram os hosannas.

Honra a Braga!

Hurrah pela heroica Irmã Collecta.

Um caso notavel

Foi no primeiro domingo d'este mez de fevereiro que no Porto da Cruz, na ilha da Madeira, se deu uma grande desgraça. Um rapaz, ha pouco casado, tendo sido militar, em lugar de ir á missa tinha ido com 2 rapazinhos, um de 9 e outro de 5 annos, á beira-mar pescar com a linha. O mar alli é muito fundo e as rochas á beira-

mar são muito abruptas. Não se sabem como o homem escorregou, e não sabendo nadar, luctou desesperadamente com as ondas. As rochas lisas, cobertas apenas com musgo, não offereciam apoio em que se segurar. Pôde ainda gritar que lhe chegassem fosse o que fosse, para se apegar. Não havia nada á mão senão uma podóia. O pequeno de 9 annos, segurando-a na parte cortante, baixou-se quanto podia, e offereceu o cabo ao desgraçado. Mas querendo elle segurar-se n'elle, cortou ao pequeno os 4 dedos até aos ossos, de sorte que devia largar, desapparecendo o infeliz completamente nas aguas.

Enquanto isto se passava, não muito longe da egreja parochial estava o respectivo parchoo explicando o evangelho do dia, e lembrando como a vida é incerta e cada um em cada instante deve estar prompto para comparecer deante do eterno Juiz.

Quando pessoas adultas chegaram ao logar da desgraça, já não acharam senão um cadaver. Foi commovente vêr e ouvir a mãe do infeliz exclamando com lagrimas: Tantas vezes disse a meu filho: logo que fôr a hora da missa, larga tudo para ouvi-la. Oh! porque não quizeste seguir-me?

Não só a mãe perde no desgraçado um arrimo; tambem sua joven mulher e um tenro filhinho ficando na miseria.

O caso tem feito bastante impressão em muitos que levanamente deixam de assistir á missa nos domingos e dias de preceito.

Conferencia de Brunetiere

O snr. Brunetiere, que concitou contra si os odios dos sectarios por haver affirmado a «bancarrota da sciencia», acaba de fazer na cidade de Besançon uma conferencia sobre a «Renascença do idealismo».

Assistiu o snr. arcebispo, rodeado de numeroso clero e mais de 2:800 pessoas.

O snr. Brunetiere tomou por thema o «Renascimento do idealismo»; invocou a auctoridade dos maiores mestres de sciencia em favor da sua these.

«É necessario ir ao idealismo, disse elle, é a tarefa da mocidade, é d'ahi que virá a influencia luminosa da França.»

Mostrou «o idealismo» penetrando na sciencia, na arte, na litteratura, na musica, na pintura. Os homens (sectarios) que teem o poder nas mãos ha vinte annos, não se apercebem d'isto; não teem aprendido nada, nada teem esquecido.

O snr. Brunetiere tambem fallou do do socialismo; lamenta o abuso que se tem feito d'esta palavra que se tornou synonymo de odio. O idealismo e o realismo ambos teem seus perigos, a

verdade social encontra-se na doutrina da Igreja.

Esta conferencia, organizada pela sociedade de S. Thomaz d'Aquino, produziu grande sensação.

Morte d'um jesuita

Excerpto d'uma carta do Superior da Missão de Nossi-Bé, de 13 de maio de 1895: — «O rev.^{mo} Padre Berbézier, jesuita, que desceu o Tananarive para seguir a columna expedicionaria, acaba de morrer, quasi de repente, em Majunga. Sabbado ultimo, vindo visitar o hospital, teve um accesso de febre. Na quinta de manhã (9 de maio), julgava-se restabelecido e quiz ir dizer a Santa Missa. Devia ser a ultima. N'esse mesmo dia, ás duas horas e meia, depois de alguns momentos de delirio, entregava a alma ao Creador sem dôr alguma. Foi uma grande perda para o serviço religioso hospitalar de Majunga.

«O enterro foi dos mais sollemnes. Todos os chefes militares, o general Duchesne á frente, foram ao acompanhamento, e até o nosso valente general, á beira da sepultura, pronunciou algumas nobres e tocantes palavras, concluindo assim:

«Escolhi o rev.^{mo} Padre Berbézier para acompanhar as nossas columnas. O Senhor dos Exercitos nol-o tomou como primeira victima... Adeus, caro Padre, e até á vista!... no céu!»

São d'este estofo os valentes filhos de Santo Ignacio, tão perseguidos e calumniados pelos nossos jacobinos e maçons.

Vivem como santos e morrem como heroes!

O acto do principe da Bulgaria e um Bispo catholico

Mons. Menini, Arcebispo e vigario apostolico de Sophia e Philippopoli, dirigiu aos catholicos latinos da Bulgaria um protesto contra o acto d'apostasia do principe Fernando:

«E' com a dôr na alma, muito amados filhos, que vos noticiamos que Sua Alteza Real decretou que seu filho primogenito, nascido d'um casamento catholico e (a Constituição concedia-o) baptisado por Nós mesmo segundo o rito catholico latino, deve passar para o seio da igreja nacional bulgara não unida.

«Dizemos com o santo Evangelho que nenhuma razão humana, qualquer que seja a sua importancia, pode legitimar para um catholico o sacrificio das suas crenças religiosas, e ainda menos auctorisar-o a arrancar uma alma inconsciente e innocente á Igreja catholica, depois de lhe haver sido solemne-mente consagrada.

«Nenhum Bispo pode approvar um acto tão contrario á lei divina; o proprio Soberano Pontifice, vigario de Nosso Senhor Jesus Christo, não o poderá fazer.»

O principe Fernando parece preocupado sobretudo com os effeitos exteriores da excommunhão que mereceu.

A maçonaria e o ministerio francez

As lojas maçonicas do sul de França acabam de dirigir ao presidente do conselho snr. Bourgeois, a seguinte felicitação:

«Os delegados de 21 lojas do Meio Dia, reunidos em Nîmes, por occasião da festa solsticial da loja *Eschola do Grande Oriente*, felicitam o ministerio pela sua attitudo energica e resoluta em face do Senado.

Incitam vivamente o ministerio a continuar no seu posto d'honra que lhe foi confiado para o saneamento moral do paiz, para a obra da depuração administrativa que emprehendeu e deve levar a cabo sem fraquezas, e finalmente para a realisação das reformas democraticas e sociaes tão impacientemente esperadas.

«Os mesmos delegados tomam o compromisso de secundar com todas as suas forças o movimento d'opinião que se manifestou tão brillantemente no paiz. A França republicana e maçonica está toda de pé atrás do ministerio. Viva a republica! Viva a França maçonica!» Felicitação unanimemente votada por aclamação pelos 121 membros presentes.

Os jornaes pornographicos na Belgica

E' prohibida na Belgica a venda dos jornaes pornographicos francezes, sendo apprehendidos todos os que a policia conseguiu descobrir.

Ha pouco foi interceptada uma remessa de 800 numeros do *Gil Blas*, de um supplemento da *Lanterne* e de outras publicações obscenas.

Por cá não só entra o *Gil Blas* e a *Lanterne*, mas tem livre curso o *Pimpão*, licença que os nossos collegas da *Gazeta do Minho* e da *Palavra* teem combatido. Mas as nossas auctoridades... fecham os olhos!

O Papa e a Russia

O snr. Iswolsky notificou officialmente á Santa Sé que a coroação do czar terá logar no mez de maio. Dá-se como certo que o Papa se fará representar.

Nos circulos do Vaticano assegura-se que as explicações dadas pelo snr. Iswolsky a respeito da applicação do accordo entre o Vaticano e a Russia estipulado em 1883 para o ensino da

lingua, da historia e da litteratura russas nos seminarios da Polonia dizem que se procederá por meio de combinação amigavel relativamente á inspecção e ás garantias que o ukase do mez de maio de 1895 decretou para a applicação do accordo de que se trata.

Bom exemplo!

Diz um jornal do Ferrol que um capitão do corpo d'artilleria das forças que embarcaram no vapor *Reina Maria Christina*, reuniu a sua companhia e, dizendo aos soldados que iam expôr a sua vida aos azares da guerra, ao rigor do clima e de mortíferas doenças, accrescentou:

«Pela minha parte, vou preparar-me e confortar o espirito com os Santos Sacramentos da penitencia e communhão. Não obrigo ninguém; se alguém quizer acompanhar-me, dê dois passos á frente e siga-me.»

Todos aquelles valentes soldados deram os dois passos e foram com o seu chefe á igreja de S. Francisco.

Os estudos dos Irmãos das Escolas Christãs

O geologo catholico, snr. Lapparent, fez uma conferencia na qual demonstrou os importantes serviços que teem prestado ao estudo da geographia os Irmãos das Escolas Christãs, aos quaes pertence o celebre geographo Aleixo, belga, premiado pelas suas obras em exposições universaes. Usam estes principalmente de mappas, em que se assignalam com côres as alturas e as curvas de pressão. Disse o conferente que, graças a esses mappas, se faz perceptivel a enorme differença de profundidade entre os mares do norte da Europa e os do sul, pois que á de cem metros que se encontra n'aquelles, se oppõe a de 4:000 metros, achada nos mares do sul.

Um almirante christão

O almirante de Cuverville pronunciou uma eloquente allocução saudando o general Duchesne n'um banquete official; e lembrou ao auditorio o dever de agradecer á divina Providencia a protecção dispensada ao exercito francez. E' um nobre acto de coragem.

Liberalidade dos catholicos francezes

Uma recente estatistica mostra que a obra das escolas livres da Gironda recolheu no espaço de quinze annos dezoito milhões de francos, enorme contribuição que os catholicos d'aquelle departamento voluntariamente se impozeram para estabelecer em face das escolas leigas escolas catholicas, afim de manter em favor dos paes de familia pobres a liberdade de consciencia.

Nova Encyclica

Diz o *Soleil* que está quasi terminada a Encyclica sobre o primado pontificio. O texto definitivo já foi submettido á commissão cardinalicia para a União das Egrejas. Quanto á data da sua publicação, só o Papa a sabe. Leão XIII gosta de conservar durante mezes inteiros nas suas gavetas documentos importantes, esperando a hora e o minuto opportunos para os entregar á publicidade. Actualmente, a occasião seria mal escolhida para publicar esta Encyclica, á qual o Papa liga muita importancia. Na Italia e em Roma mesmo, a attenção está absorvida pelos acontecimentos da Abyssinia. O Papa esperará sem duvida que a situação geral, tanto na Europa como no Oriente, entre n'um periodo de socego, pois a sua voz terá assim occasião de ser ouvida.

Apenas acabada a Encyclica sobre o primado, Leão XIII já tem outra em preparação. Trata-se d'uma Encyclica aos catholicos da Hungria e que verá a luz por occasião das festas do millenario da Hungria, que se celebrarão em Budapesth no mez de maio proximo. Será a segunda Encyclica de Leão XIII aos catholicos húngaros.

O numero das Encyclicas publicadas no pontificado de Leão XIII bem depressa attingirá cincoenta, o que é uma media de tres Encyclicas por anno: sob este ponto de vista, o pontificado de Leão XIII será certamente um dos mais fecundos da historia.

Peregrinação de norte-americanos á Europa

Está-se organisando nos Estados Unidos uma grande peregrinação, que virá á Europa no mez de julho proximo, sob a direcção do R. P. Will am Smith, dos Irmãos da Mercê.

Partindo de New-York, os peregrinos passarão por Gibraltar, irão a Lourdes e em seguida, tocando em Genova e Napoles, a Roma. Depois da audiencia pontificia, partirão para Assis, Loreto, Padua, passarão á Suissa para visitar Einsiedlen, depois a Paris e em seguida á Irlanda, para reentrarem no mez de setembro em suas casas.

O Apostolado da Oração e a cidade de Braga

A catholica cidade de Braga festejará, no proximo mez de maio, as bodas de prata do Santissimo Coração de Jesus.

Por essa occasião consagrar-se-ha o reino de Portugal ao Santissimo Coração de Jesus, fazendo cada Prelado a solemne consagração da sua diocese.

Tinha-se organizado a commissão magna, que será composta de 40 cava-

lheiros dos mais considerados d'aquella cidade, bem como outra de igual numero de senhoras, podendo aggregar-se a estas muitas outras.

Além do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} snr. Nuncio Apostolico, tomam parte n'estas solemnidades alguns Prelados do continente, bem como os centros do Apostolado da Oração.

Entre outras manifestações religiosas, haverá tambem uma grande peregrinação ao Sameiro, na qual tomarão parte os Bispos, centros do Apostolado, asylos, associações, collegio, etc.

Por essa occasião irá para alli a imagem do Santissimo Coração de Jesus, que está exposta no templo do Povo, e que foi feita e indulgenciada em Roma.

A festa promette ser brilhante. Catholicos, a Braga para commemorar as bodas de prata da implantação do Apostolado!

Faculdade catholica de medicina

A faculdade catholica de medicina que faz parte da universidade livre de Lille conta 230 estudantes, sustenta tres hospitaes e dispensarios, um para homens, outro para mulheres e o ultimo para crianças. No ultimo anno lectivo os medicos deram n'elles 37:481 consultas gratuitas, fornecendo-se gratuitamente medicamento aos indigentes.

Os estudantes formam 6 conferencias de S. Vicente de Paulo, cada uma das quaes é presidida por um professor.

Bom lição:

O processo intentado por um grupo de 27 padres da diocese de Annec a dois jornaes calumniadores, terminou pela condemnação d'estes ao pagamento de uma indemnisação aos queixosos e das custas.

A historia na China

O dr. Chabet dá conta no *Monde* das obras historicas de *Se-ma Ts'ien*, celebre escriptor chinês. Diz o dr. Chabet:

«*Se-ma-Ts'ien* nasceu no anno 145 antes de Jesus Christo. Depois de ter estudado na sua mocidade a «sciencia dos governadores do céo», isto é, das grandes constellações; depois de ter-se iniciado na astrologia e na sciencia de adivinhar, voltou á côrte do imperador chinês *Ou*, de quem recebeu, no anno 110 antes da nossa era, pouco mais ou menos, a dignidade honrosissima de «duque grande astrologo.»

São curiosos os esclarecimentos seguintes ácerca da concepção que da historia tem os chineses:

Os chineses não tem da historia a mesma idéia que nós. Ella para os habitantes do Celeste Imperio é um mosai-

co habilmente feito, em que os escriptos das epochas precedentes estão collocados uns aos lados dos outros, intervindo o auctor apenas na selecção dos textos e na maior ou menor habilidade com que os reune. Tem tambem uma idéia bem differente da nossa ácerca da propriedade litteraria. Um texto historico é considerado como pertencendo ao dominio publico e é considerado um acto de prohibidade o copiar-o fielmente, sem nada o alterar. Assim distinguem-se nas *Memorias historicas* os estylos mais diversos, como o archeologo reconhece nas casas elevadas sobre as ruinas de uma cidade os destroços dos templos e dos palacios antigos.

Na origem de toda a sua historia, os chineses collocam cinco imperadores, que não são, na realidade, mais que a concretisação d'um systema philosophico e um symbolo dos cinco elementos.

Na aurora do periodo historico (cerca do anno 2000 antes de Jesus Christo) vemos um pequeno Estado conservar religiosamente os ensinamentos dos seus reis, que desempenham o papel de educadores dos povos; o rei é tudo, os outros homens vão adquirindo algum valor á medida que d'elle se approximam. E' o reinado da dynastia *Hia* e *Yn*.

Pouco a pouco esta nação, superior ás suas visinhas pelas suas qualidades intellectuaes, triumphou d'elles; os principes subjugados reconheceram-se vassallos do vencedor; adoptam a sua civilisação e procuram ligar-se á familia imperial por geneologias ficticias. Assim se forma o regimen politico do tempo dos *Tcheu* (XII e XIII seculos antes de Jesus Christo): é um regimen feudal, em que, porém, a maior parte dos senhores descendiam de chefes autochtones e encontravam-se pouco mais ou menos na situação que tinham ainda recentemente os reis do Annam perante a côrte de Pekin. Muitos eram apenas tributarios. Todavia tomaram dos seus suzeranos a cultura intellectual e cada um d'elles mandou escrever os *Annaes* do seu feudo.

Nos fins da dynastia *Tcheu* o poder central enfraquece-se, os principes reclamam a sua independencia, a guerra desencadeia-se. *Ts'in Che-tiangho* triumphou dos senhores seus rivales e, em vez de os obrigar a reconhecer-se seus vassallos, supprime-os e substitue-os por funcionarios, estabelecendo assim um imperio unico e creando as verdadeiras origens da China moderna (221-230 antes de Jesus Christo).

Sob a dynastia de *Han*, que recolheu a herança d'este imperador, constituiu-se uma nova aristocracia, não já de nascimento, mas de intelligencia. Os imperadores chamam aos cargos publicos os homens de capacidade, e são

elles os que desempenham os principais papeis na scena da historia.

Assim, este povo, sobre que o vulgo costuma lançar um olhar desdenhoso e que considera por vezes como semi-barbaro; este povo que virá talvez um dia a substituir sobre as margens do Mediterraneo e do Oceano Atlantico a raça branca degenerada, tem historia e uma civilização muito avançadas, comparaveis pela sua antiguidade ás antigas civilizações da Assyria e do Egypto. O seu genio industrioso fez-lhe conhecer muitas vezes invenções, cujas vantagens o Occidente só conheceu muitos seculos mais tarde, e seria impossivel predizer o papel que os tempos futuros o chamarão a desempenhar na scena do mundo.

A parte mais original e mais variada da obra do grande historiador encerra-se nas setenta «monographias» que terminam a obra. A maior parte d'estas monographias são biographias ou d'um só homem ou d'uma serie de personagens cujos destinos apresentam alguma analogia. Temos assim capitulos consagrados aos «letrados», aos «funcionarios brandos», aos «funcionarios asperos», aos «corteãos e favoritos», aos «homens eloquentes», aos «comerciantes», etc.

«Este systema de monographias creado por *Se-ma-Ts'ien* penetrou de tal forma no gosto dos chinezes que se tornou uma instituição de Estado. Existe uma delegação especial que tem por fim redigir as biographias dos homens celebres. Logo que um alto funcionario morre, apparece um decreto imperial na *Gazeta de Pekim* ordenando aos membros d'aquella delegação que escrevam a sua vida. Assim se constituem gradualmente as monographias que serão encorporadas na historia official da dynastia mandchúva quando tiver deixado de reinar; pois seria prohibido a um particular escrever por sua propria auctoridade uma historia da dynastia actual, sobre o plano das historias officiaes.

O Cardeal Lecot e o Papa

O Cardeal Lecot fallou da sua viagem a Roma, *ad limina*; fallou com entusiasmo de Leão XIII, que aos 86 annos de idade junta ao maior prestigio a mais viva intelligencia e uma penetração extraordinaria.

O Cardeal Lecot encontrava-se em Roma quando o príncipe Fernando foi ao Vaticano para a passagem de religião do príncipe Boriz. Recorda que, segundo a doutrina da Igreja, o Papa respondeu com um inquebrantavel *non possumus*.

Ao seu regresso de Roma, o Cardeal Lecot, em uma entrevista, declarou que não foi encarregado de nenhuma missão official junto do Papa e a prova d'isto é que não esteve com nenhum membro do gabinete antes da sua partida para Roma.

Esteve apenas, segundo o uso, com o presidente da republica, que lhe fez o melhor acolhimento e o encarregou da expressão da sua profunda sympathia pelo Papa.

Monsenhor Lecot declarou pois que o artigo do *Standard*, que lhe attribue uma missão official, é de pura imaginação.

O futuro da Inglaterra

Um jornal inglez, o *Minster*, abriu uma especie de concurso politico, litterario e religioso, em que se reunirão as opiniões de pessoas illustres ácerca do futuro da Inglaterra e do imperio britannico.

Os pareceres mais notaveis são assignadas por lord Beresford, pelo sr. O'Brien e pelo Cardeal Vaughan, primaz da Inglaterra. Diz o primeiro, que o futuro do seu paiz depende da conservação e augmento da marinha. Suppõe o segundo, cujo appellido é irlandez, que esse futuro depende das boas relações entre a Inglaterra e a Irlanda. E o Cardeal, finalmente, defende a these de que voltem os inglezes ao catholicismo.

Entre outras provas do seu parecer, apresenta o cardeal a administração

do catholico lord Ripon—vice-rei que foi da India Ingleza.

Uma parte da familia imperial da Austria emprehendeu uma peregrinação aos Logares Santos em Jerusalem. Figuram n'ella o príncipe herdeiro Carlos Luiz, a archiduqueza Maria Theresza e seus filhos os archiduques Fernando, Encarnação e Izabel.

O Papa e os catholicos bulgaros

Os catholicos bulgaros, em seguida á apostasia do príncipe Fernando, dirigiram um protesto de fé ao Papa. Este acto espontaneo consolou muito o coração afflicto do Soherano Pontifice.

Em pleno socialismo

Os ministros francezes Bourgeois, presidente do conselho, e Mesureur, fizeram manifestações que causaram sensação em favor de socialismo.

Deram a entender estes filhos da Viuva que não recuariam deante dos meios mais revolucionarios.

A seita, de que elles são instrumentos, espera esmagar pelo terror o sentimento nacional francez. Conseguilo-ha?

O descanço do domingo

Em breves dias apparecerá, em Amiens, uma primeira lista dos estabelecimentos que fecham aos domingos. O exemplo de Lyon, Dijon, Toulouse e Lille vae assim sendo seguido por outras grandes cidades francezas.

Esta liberdade do domingo permitirá aos operarios e aos empregados do commercio o cumprimento dos seus deveres religiosos.

Errata

Nos dois ultimos artigos do nosso distincto collaborador, o rev.^{mo} sr. Padre João Vieira Neves Castro da Cruz, os snrs. typographos fizeram avaria no titulo, pois onde se lê: *Preconceitos e conselhos*, deve lêr-se: *Preconceitos e conselhos*.

O PROGRESSO CATHOLICO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MEZ

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Continente portuguez e Hespanha, 800 reis—Ilhas, o mesmo preço, sendo feito o pagamento em moeda equivalente á do continente
Provincias ultramarinas e paizes da União Geral dos Correios, 12000 reis—Estados da India, China, e America, 12280 reis, moeda portugueza—
Numero avulso 100 réis.

As assignaturas são pagas adiantadamente por um ou meio anno.

O que se refira á redacção deve ser enviado a

Manuel Fructuoso da Fonseca, rua da Picaria, 74—PORTO.

O que se refira á administração (pagamento d'assignaturas, pedidos de livros, mudança de direcção, etc.) a
Vicente Fructuoso da Fonseca, na rua da Picaria, 74—PORTO.